

O RIO E O ARAME: TESTEMUNHOS DE MEXICANOS INDOCUMENTADOS NOS EUA

Bárbara Caldas



El término "frontera" puede desdoblarse en dos: el río y el alambre.ⁱ Crucé el río grande nadando / Sin importarme dos reales. / Me echó la migra pa'fuera / Y fui a caer a Nogales. / Entré por otra frontera / Y que me avientan pa' Juárez. (...) La migra a mí me agarró / 300 veces digamos / Pero jamás me domó / A mí me hizo los mandados. / Los golpes que a mí me dio / Se los cobré a sus paisanos.ⁱⁱ

Após séculos sob o poder da Coroa espanhola, em 1821 o México torna-se independente. Alguns anos mais tarde, os "anglos" invadiram a região que compreendia o noroeste mexicano dando início à Guerra entre o México e os Estados Unidos (1846-1848). A assinatura do Tratado de Guadalupe Hidalgo, em 1848, deu fim a essa guerra. O tratado estabeleceu novos limites fronteiriços tendo o Rio Grande como divisa entre México e EUA. Com isso México perdeu os territórios que compreendem hoje os estados da Califórnia, Arizona, Novo México, Nevada, Texas além de partes de Utah e Colorado, que foram, em virtude do Tratado, anexados aos Estados Unidos. A proposta original do tratado era a de proteger os interesses e direitos dos antigos cidadãos mexicanos e de seus descendentes que permaneceram nas suas antigas terras e que, a partir deste tratado, passaram a constituir o sudoeste dos Estados Unidos. Porém, o que se percebeu na realidade foi que, tais interesses e direitos não foram cumpridos. (TORRES, 1993, p. 2) Desta forma, os mexicanos que passaram a fazer parte das terras anexadas aos Estados Unidos foram tratados com preconceito e desconfiança, como se fossem estrangeiros no solo que um dia pertencera aos seus antepassados. Ainda que a presença dos mexicanos no *otro lado* fosse massiva, os estadunidenses sempre os trataram como uma minoria étnica.

Esse tipo de tratamento dispensado aos mexicanos sempre incitou a imigração destes para os EUA. Pôde-se percebê-la, primeiramente, quando houve a anexação das terras mexicanas às estadunidenses, depois, entre 1942 e 1964 durante o período da colheita, conhecido como *bracero program*ⁱⁱⁱ, e atualmente, onde é quase impossível não notar, através dos principais meios de comunicação, as questões que envolvem a problemática da imigração. Atualmente, mais da metade dos imigrantes ilegais nos Estados Unidos, 6,2 milhões, são mexicanos, e outros 2,5 milhões são imigrantes de diferentes países da América Latina. (*América Economía*, 2006)



A idéia de contar a história dos indocumentados^{iv} que haviam *cruzado la frontera* para os EUA deu origem ao livro *La Migra me hizo los mandados*, da radialista mexicana Alicia Alarcón. Atualmente Alicia Alarcón tem um programa de rádio muito popular entre os ouvintes hispânicos da Califórnia, e foi através deste programa que Alarcón talvez tenha desempenhado uma das mais notáveis atividades como jornalista, que foi a de documentar os testemunhos de seus ouvintes latino-americanos que viviam ilegalmente nos EUA. Dentro do cânon literário,

o livro de Alarcón é caracterizado como testemunho mediado ou indireto, onde o testemunhante, para se fazer ouvir, precisa da ajuda solidária de um letrado, isto é, de um mediador que dará forma à sua confissão oral. Este letrado, como co-autor dos testemunhos, se vê diante da responsabilidade de tornar visíveis as tantas histórias reprimidas pela história dominante, assim, ele recria a fala oral e coloquial dos informantes ao mesmo tempo em que resgata a memória coletiva dessas sociedades silenciadas. (YÚDICE, 1992, p. 207). Portanto em *La Migra me hizo los mandados* Alicia Alarcón exerce a função de mediadora, cujo mérito principal está em, solidariamente, dar voz aos indocumentados. Através dela, indivíduos de diferentes países latino-americanos conseguem contar a sua história de vida e assim, resgatam e recontam a História.

Segundo Elzbieta Sklodowska, além da solidariedade o mediador dos testemunhos também deve ter um dever moral com o iletrado e/ou com a comunidade que este representa.

(SKLODOWSKA, 1992, p. 71) Na opinião de Hugo Achugar quando o mediador distingue “su voz de la voz del testimoniante, la voz del mediador preserva la voz del Otro”. (ACHUGAR, 1992, p. 65) Nesse sentido, foi importante Alarcón “preservar a voz do Outro”, e acredito que a popularidade de que goza como radialista “nativa”, já que também faz parte da mesma comunidade hispânica de seus informantes, tenha contribuído para que seus ouvintes, acostumados a “conversar” com ela em seu programa, sentissem-se à vontade para prestar depoimentos. Com isso Alarcón contribuiu muito para que pudéssemos conhecer a experiência latino-americana nos EUA e, talvez, descobrir um pouco mais sobre nós mesmos.



Ainda que as vozes que testemunham em *La Migra me hizo los mandados* sejam de peruanos, colombianos, guatemaltecos, hondurenhos entre outras nacionalidades, a maioria é de mexicanos, e é em algumas dessas vozes mexicanas que me deterei dado o mote central deste artigo. Em *La Migra* são muitas as partidas: Cidade do México, Guadalajara, Tijuana, Zacatecas entre muitas outras cidades mexicanas. Contudo, o destino leva esses mexicanos a um só destino: os Estados Unidos da América. Mais especificamente para cidades situadas na região

sudoeste dos EUA como Los Angeles, San Diego, Santa Fé, La Puente ou Gardena, só para citar algumas delas. É interessante observar que o nome em espanhol de ditas cidades – muitas delas antigas missões jesuíticas espanholas - revela uma forte presença hispânica nesta região que pertencia à nação mexicana muito antes da assinatura do Tratado de Guadalupe Hidalgo. Não é de se estranhar, então, que a trajetória desses mexicanos os levem de volta ao lar ancestral. A migração ao colosso do norte possui raízes muito profundas. Possivelmente, muitos mexicanos consideram que as oportunidades de emprego existentes ao norte da fronteira do México sejam uma parte “legal” da sua herança territorial. Na verdade, a busca pelo “sonho americano”, talvez possa ser um resgate da sua história, dos seus mitos, das suas origens e de suas terras.



Dentre todas as dificuldades relatadas nos testemunhos de mexicanos contidos em *La Migra*, a que chama mais atenção é a do momento de cruzar a fronteira. O número de imigrantes que morrem por ano tentando fazer a travessia delata um negócio próspero para os *coyotes* – “profissionais” que conhecem a fundo a região da fronteira e cobram para atravessar os *pollos* (mexicanos ilegais) ^v– e também para as autoridades, que não levam em conta as pessoas que se perdem e morrem no deserto, se afogam no Rio Grande, que são violadas nos sinuosos caminhos que levam ao lado estadunidense ou que simplesmente desaparecem sem deixar rastro.

Todos aqueles que vivenciaram a experiência da travessia, puderam contar esse momento tão traumático em *La Migra*.

O relato de Iginia, “¡Bájeme, o lo agarro a cachetadas!”, é um dos que revela como a travessia pode ser perigosa e durar longos dias, ainda assim a maioria dos imigrantes está disposta a correr riscos, inclusive o de ser pego pela Migra. ^{vi} No entanto, quando isso acontece, quase sempre eles são tentados a cruzar novamente. O testemunho de Iginia também denuncia os perigos a que são expostos aqueles que se arriscam a cruzar a fronteira. Violação, roubos, assassinatos e humilhações são coisas comuns na rotina daqueles que se arriscam a ir para os EUA na condição de indocumentados. Á mercê do destino, muitos imigrantes mutuamente se ajudam e, na perigosa jornada se sujeitam às “ordens” do *coyote*, o único que pode levá-los com “segurança” ao outro lado:



Al fin llegamos a un lugar en donde había varios hombres. Nos robaron lo poco que traíamos e intentaron violar a mi sobrina. Gracias a la gente que venía con nosotros pudimos defendernos. Nos asustamos mucho. Ya no podía caminar. El pie lo traía muy hinchado pero tuve que seguir. El coyote seguía gritándome: - ¡Apúrese señora! Yo le

contestaba, que no podía pero él insistía: - ¡No tiene nada. ¡Camine! ¡Camine! (ALARCÓN, 2002, p. 113)

No relato “Luna de miel en el camino”, a testemunhante Fabiola expressa a sua indignação ante a *gran muralla*: “Enfrente de nosotros había una enorme barda, no sabíamos cómo íbamos a pasar. Enfrente de aquella muralla me pareció curioso cómo una misma tierra podía estar tan celosamente dividida”. (ALARCÓN, 2002, P. 90) Fabiola refere-se à muralha de quarenta quilômetros construída em 1993, que divide o território mexicano estadunidense desde as montanhas de Tecate até o oceano pacífico, ao norte de Tijuana. O testemunho de Fabiola nos faz refletir sobre a postura dos Estados Unidos perante o México. A existência desta muralha citada pela testemunhante (em alguns pontos da fronteira também podem ser vistas cercas de arame farpado) e a atual aprovação de George W. Bush para construção do novo muro de 1100 quilômetros é uma ofensa à população mexicana, que ao longo do processo histórico entre os dois países vêm enfrentando intensas ofensivas dos anglos, inclusive no que diz respeito às questões que envolvem e afetam diretamente o seu orgulho e honra nacional. Como se sabe, o mexicano que optou por viver no *otro lado* do Rio Grande sofreu não só a violência da conquista como também a violência da discriminação racial e política. Desde então o mexicano-americano vêm sendo tratado como cidadão de segunda classe nos EUA.

Um aspecto importante a ser destacado nos testemunhantes de *La Migra me hizo los Mandados* é o seu desejo de auto-inscrição na história, na narração da nação, na construção do sonho americano. Esse é um aspecto extremamente relevante uma vez que a história econômica, social e geopolítica dos dois países, ainda que os EUA não admita, está intrinsecamente ligada uma à outra.. Como os imigrantes mexicanos fazem questão de frisar “no venimos a pedir nada regalado, estamos haciendo mucho por el engrandecimiento de esta nación”. (ALARCÓN, 2002, p. 176). Assim, por intermédio destes testemunhos percebemos como é importante o discurso e o resgate da memória, este torna-se extremamente necessário uma vez que, através dele, estes sujeitos que nunca tiveram voz no discurso historiográfico podem reivindicar, denunciar, ou seja, contar a sua versão histórica dos fatos a contrapelo daquela que foi contada a partir da ótica dos grandes centros metropolitanos. Então, dentro deste contexto percebemos que os testemunhantes mexicanos de *La Migra me hizo los Mandados* não querem apenas mostrar-se como uma horda de *mojados*^{vii} invadindo os EUA, e sim como trabalhadores que contribuem positivamente para a sociedade daquele país.

Por mais que o governo de George W. Bush tente reforçar o patrulhamento na fronteira – em entrevista recente Bush mencionou o envio de mais de seis mil



guardas nacionais para a fronteira e a construção de uma cerca de segurança de 600 quilômetros de extensão – os conflitos fronteiriços continuarão existindo. Salvador, um jovem indocumentado mexicano reflete sobre esta questão no testemunho “¿Serían las plumas en el sombrero?”, que narra seu sentimento de impotência ante a presença ostensiva do gringo no México, fazendo com que se sinta humilhado em sua própria terra:

Me compré un café y me senté en una banca a disfrutar el espectáculo de la gente americana que entraba a

nuestro país (...). En ese momento pensé “¿cómo ellos pueden entrar a nuestro país cuando se les da la gana y hacen lo que quieren?”. En ese momento pensé que no debería haber fronteras. (ALARCÓN, 2002, p. 180)

A prepotência do governo estadunidense confirma o tratamento preconceituoso dispensado aos milhares de mexicanos desde o final do século XIX. No entanto, os mexicanos continuarão cruzando a fronteira e, como numa “revanche histórica” (TORRES, 2001, p. 10), continuarão tentando resgatar as suas raízes e buscar oportunidades melhores no *otro lado* do Rio Grande. Neste sentido, o livro de Alarcón é uma importante contribuição para esta “revanche” – haja vista seu título, que, em uma clara intertextualidade com o verso mais conhecido do popular *corrido*^{viii} político “*Los mandados*”, remete para as lutas da época do Movimento Chicano^{ix} das décadas de 60 e 70, quando era cantado nas ruas de Los Angeles – sugerindo uma viagem através da memória da própria organizadora do volume.

Todos os testemunhantes de *La Migra me hizo los Mandados*, inclusive os que não puderam ser citados, representam um aspecto relacionado à fronteira México-EUA como: o de gerações e gerações de mexicanos que atravessam o Rio Grande rumo ao norte em busca de melhores condições para suas famílias, o de desprezo, racismo e ódio dispensado pelos anglos aos imigrantes, o trauma e as condições precárias da travessia para os EUA ou, simplesmente, a busca de uma identidade entre os dois lados da fronteira.

A fronteira tem um significado que vai muito mais além da linha geográfica que divide os dois países. Ainda que não habite na região considerada politicamente fronteiriça, o povo da fronteira traz dentro de si uma característica extremamente relevante que é a sua alteridade, isto é, a sua condição de viver em dois lugares, de usar duas línguas diferentes e de pertencer à duas culturas distintas ao mesmo tempo. Nesse sentido, a fronteira constitui o que Silviano Santiago chama de “entre-lugar”, ou ainda ao que Michael Fischer denominou “inter-referência”. Ambos conceitos estão relacionados ao contato/choque entre culturas diferentes e, conseqüentemente, aos conflitos que envolvem esta relação.

Depois de todas as reflexões concluo que o ato de emigrar está intrinsicamente ligado à condição de ser mexicano. A opção por emigrar ao país vizinho do norte é um caminho que não se completa, contudo: significa dar continuidade à uma tradição de não só cruzar, mas também de habitar a fronteira, e de resgatar, por um lado, todo um passado histórico que está intimamente ligado ao sudoeste do outro lado da fronteira; e, por outro, de construir a sua identidade, ou seja, a sua *mexicanidad*, a partir desse encontro com (seu) Outro.

OBRAS CITADAS

ACHUGAR, Hugo. Historias paralelas/historias ejemplares: La historia y la voz del otro. In: BEVERLEY, John; ACHUGAR, Hugo (1992), pp. 49 – 71.



ALARCÓN, Alicia. *La Migra me hizo los Mandados*. Houston, Texas: Arte Público Press, 2002.

BEVERLEY, John e ACHUGAR, Hugo (orgs.) *La voz del otro: Testimonio, subalternidad y verdad narrativa*. Lima-Pittsburg: Latinoamericana Editores, 1992.

Revista América Economía. Número 324 / 19 de maio-08 de junho, 2006.

SKLODOWSKA, Elzbieta. *Testimonio hispanoamericano. Historia, teoría, poética*. New York: Peter Lang, 1992.

TORRES, Sonia. *Nosotros in USA: literatura, etnografía e geografías de resistência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

_____. *Escritos chicanos: para a leitura de uma América Outra*. Mimeo. UFRJ, 1993.

YÚDICE, George. Testimonio y concientización. In: BEVERLEY, John; ACHUGAR, Hugo (1992), pp. 207-227.

ⁱ Alarcón, Justo S. "La frontera como Cruce y Crucero en Tres Textos Literarios Chicanos".

ⁱⁱ Hernández, Vicente. "Los Mandados" (1965), faixa do CD *Mexicanismo: 24 éxitos*, Sony, 1992.

ⁱⁱⁱ O *bracero program* recrutou mais de 4 milhões de trabalhadores mexicanos durante o período da colheita. É interessante observar que a imigração só era permitida em determinados períodos e de acordo com as necessidades econômico-produtivas dos "anglos". Tal atitude do governo estadunidense revela uma política de imigração bastante controversa, já que ao mesmo tempo em que os *braceros* eram recrutados para trabalhar temporariamente nos EUA, este governo também ameaçava frequentemente fechar a fronteira, sem contudo fazê-lo realmente. (TORRES, 1993, p. 4)

^{iv} Termo comumente empregado para referir-se aos imigrantes ilegais nos EUA (do inglês, *undocumented*).

^v As tentativas de controlar os pontos de entrada mais populares e policiados fez com que muitos imigrantes ilegais buscassem fazer a travessia por lugares menos povoados e mais perigosos. Para tanto, os imigrantes vêm-se frequentemente obrigados a contratar os *coyotes*, também chamados de *polleros*, que chegam a cobrar até US\$3.000, 00 por pessoa. (*Revista Debate*, 2006)

^{vi} Em 1924 os anglo-americanos criaram a patrulha fronteira, associada à oficina de imigração do Departamento de Trabalho. Com isso, os mexicanos começaram a chamá-la de "la migra", que se tornou a inimiga número um dos imigrantes indocumentados. (*Revista Debate*, 2006)

^{vii} *Mojado* é um nome pejorativo usado para designar os migrantes mexicanos, em especial os camponeses pobres que cruzam ilegalmente a fronteira para os Estados Unidos. A palavra ("molhado", ou em inglês *wetback* – "costas molhadas") é uma alusão ao ato de atravessar o Rio Grande a nado.

^{viii} O *corrido* é um gênero musical da fronteira México-EUA, cuja forma análoga no Brasil é o "rimance" (romance rimado) da literatura de cordel.

^{ix} O termo chicano refere-se à grande população mexicana que vive nos EUA. O vocábulo passou a ser usado a partir da segunda metade da década de 60, mais precisamente em 1965, quando o Movimento Chicano liderado por César Chávez, denunciou a desigualdade social sofrida pelos chicanos nos EUA. Com isso o termo chicano passou a ser usado também como uma forma de auto-definição cultural e espiritual, além de designar a região sudoeste – "la nación chicana" – com o nome do legendários Aztlán, mito pré-colombiano e símbolo cultural dos chicanos.